

O TEMPO DO

A "CRISE" DA AGRICULTURA
SINDICALISMO: O DESPERTAR DOS QUADROS
GRÃ-BRETANHA: O SOCIALISMO DA COMPAIXÃO



EUROPA DE LESTE:
TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO OU PARA O CAPITALISMO?

A Ordem dos Engenheiros põe-se em movimento. Não, naturalmente, para se tornar numa «Horda dos engenheiros» (a palavra Ordem, significa, de facto, ordem) mas talvez para se vir a descobrir uma vocação sindical: um sindicato de engenheiros. A perspectiva parece já ter sido sugerida em algumas das frequentes «reuniões da classe» (1) levadas a efeito este ano em Lisboa. Vale a pena determo-nos um pouco nas ambiguidades de um sindicalismo de quadros.

O DESF



É sabido o papel fundamental que, numa sociedade industrializada representam os quadros técnicos. Esse papel é de particular importância em sectores-chave como a investigação aplicada, o projecto tecnológico e as indústrias de tecnologia avançada (electrónica, aeronáutica, indústrias nucleares, etc.). Em tais sectores, os engenheiros e técnicos qualificados ultrapassam com frequência os 50% do efectivo total, chegando a atingir os 70-80%. Mas, para além dessas actividades, vamos encontrar em toda a indústria, disseminado por uma multidão de empresas da mais variada dimensão e importância económica, um pessoal de enquadramento formado sobretudo por engenheiros, técnicos e contramestres, cujas funções são vitais para o desenvolvimento e prosperidade dos respectivos negócios. Quer lhes agrade quer não, eles constituem, de facto, uma das espinhas dorsais do sistema económico em que aquelas empresas se movem.

Assalariados, de um modo geral, a sua condição deveria, em teoria, aproximá-los mais da classe trabalhadora do que das entidades patronais. Acontece, porém, que as suas funções de chefia (que os levam a agir «de facto» como porta-vozes das decisões patronais), a origem universitário-burguesa de boa parte dos seus membros mais qualificados, a natureza «intelectual» do seu trabalho, os salários sensivelmente mais elevados que recebem, sempre tornaram muito difícil a integração militante dos quadros técnicos nos movimentos de carácter sindical das massas trabalhadoras. Acresce que

ERTAR DOS QUADROS

a estratégia global das grandes centrais sindicais, excluídos certos períodos em que outros objectivos possam ter sido considerados prioritários, sempre assentou essencialmente na reivindicação salarial. Tal estratégia convém mal a categorias que, embora se possam reconhecer «mal pagas», não tenderão a considerar essa a sua reivindicação prioritária e, mais, não se sentirão à vontade em situar num mesmo contexto reivindicativo os seus salários «privilegiados» e os de operários ao nível da subsistência. Num debate sobre sindicalismo de quadros, em França, realizado antes de Maio de 68 (e Maio de 68 não o terá desmentido) dizia um engenheiro responsável da secção «Engenheiros-Electrónica» da central CFDT: *«Pergunto-me se se deve reduzir a reivindicação do engenheiro às reivindicações tradicionais do mundo operário, ou se as reivindicações do mundo operário não se deverão alargar? [...] Na minha opinião, ao falar só em salários correm-se dois riscos, dois riscos de integração no capitalismo: o primeiro ao nível da produção; é simplesmente o risco de fazer pagar a alienação qualitativa em lugar de a abolir. E não está provado que o capitalismo na Europa não tenha os meios de pagar fortemente essa alienação. [...] Outro risco situa-se ao nível do consumo. Não está provado que uma forte escala de remunerações não seja um suporte do capitalismo, favorecendo a integração por mimetismo duma categoria a outra. [...] Não sei se pedindo simplesmente um aumento de salário, fazendo deslizar a pirâmide dos salários toda num sentido ascendente, não nos arriscamos a manter apenas o modo*

de consumo capitalista sem o modificar.»

Nas sociedades industrializadas de que temos vindo a falar depararam-se então aos quadros as seguintes vias de «intervenção»: integração na acção sindical de uma grande central de trabalhadores, com todas as dificuldades e ambiguidades que isso possa comportar; a acção imediatamente política, sob as diversas formas que pode revestir; a acção sindical dentro de uma central própria (caso C. G. C. em França) com os riscos fatais de «corporatismo» e o pendor tecnocrático a ela inerentes⁽²⁾; eventualmente, a busca de novas formas de acção político-sindical, ao nível da empresa ou fora dela.

E entre nós? Quais os parâmetros que nos ajudarão a tentar definir a provável orientação dos quadros e, em particular (pois foram os primeiros a «despertar»), dos engenheiros? Por um lado, a todas as ambiguidades da sua situação, algumas das quais referimos, junta-se o imenso peso negativo de, ao longo das últimas décadas, terem os engenheiros constituído uma categoria bastante dócil (moderamos as palavras...) em relação aos conhecidos condicionalismos político-sociais. Colaboracionista por convicção ou por omissão, a maior parte dos engenheiros encontra-se numa posição desconfortável para encarar a hipótese de uma acção que não se limite a propostas de carácter mais ou menos timidamente reformista. Ser-lhes-ia, de qualquer modo, extremamente difícil conquistar a confiança de trabalhadores a quem, quando muito, e sem exageros, manifestaram uma humanitária simpatia.

Por outro lado, as urgências da reconversão das estruturas produtivas (em particular, industriais), oferece aos engenheiros a possibilidade de uma intervenção «política» que tem a vantagem de ter hoje os seus próprios arautos dentro dos órgãos governamentais e legislativos. Apontar os nossos baixos índices de desenvolvimento, as deficiências da estrutura industrial, a incapacidade empresarial, a «injusta» distribuição dos rendimentos, as lamentáveis falhas do sistema educacional, a necessidade de nos assumirmos como «europeus», etc., etc. — eis todo um programa à medida de uma «classe» de engenheiros do nosso tempo e do nosso espaço. Cremos que não falharão nesta nobre missão.

Mas, sindicalismo? Se atentarmos bem na frase acima citada do secretário-geral da C. G. C. francesa, não vemos porque não poderia ele constituir para os nossos engenheiros (a que se agregariam outras categorias de quadros) uma bandeira de acção...

João Martins Pereira

(1) Aos mais incautos talvez valha a pena lembrar que os engenheiros não constituem uma classe (social) mas apenas uma categoria profissional. Demonstração por absurdo: uma competição desportiva entre uma equipa representativa da «classe» dos engenheiros e outra da «classe» dos médicos não tem, evidentemente, nada que ver com a «luta de classes»...

(2) Palavras recentes do secretário-geral da C. G. C. (Confederação Geral de Quadros): «Os engenheiros, os quadros, os contramestres não são agentes de destruição («casseurs»), são homens de ordem, mas querem declarar publicamente, calma mas firmemente, que estão saturados de ser considerados como bodes expiatórios e representar o papel dos esquecidos. Os quadros são agentes determinantes do progresso económico. Estão prontos a assumir todas as responsabilidades que lhes incumbem, a tomar todas as iniciativas, a efectuar todos os estudos indispensáveis ao desenvolvimento do nosso país, mas com a condição de que não sejam os eternos sacrificados.»